

Simplicidade contra o drama da desertificação

Em Pernambuco, projeto barato cria alternativas econômicas para o sertanejo não precisar destruir a caatinga

Fotos de Josenildo Tenório

Letícia Lins

• **SOLIDÃO, PE.** Fenômeno que atinge um bilhão de pessoas no mundo e que ameaça 180 mil quilômetros quadrados do semi-árido nordestino, provocando prejuízos anuais de US\$ 3 bilhões, a desertificação começa a ser combatida em Pernambuco. O problema, que atinge 148 dos 185 municípios do estado, vem sendo enfrentado com a implantação de alternativas econômicas para o sertanejo sobreviver sem destruir a caatinga. Os bons resultados atraíram a atenção da Organização das Nações Unidas, que prometeu ajuda financeira. Em dezembro, técnicos da ONU vão a Pernambuco para conhecer o projeto.

A Política Estadual de Combate à Desertificação já foi implementada em sete municípios do sertão — Afogados de Ingazeira, Solidão, Tabira, Igaraci, Parnamirim, Serrita e São José do Belmonte — e está sendo ampliado para mais 12. Por enquanto, o projeto-piloto beneficia cerca de mil pessoas. Até agora, o governo investiu mais de R\$ 2 milhões.

O sistema consiste na capacitação de agricultores e de educadores para que nas escolas as novas gerações tenham um cuidado com o meio ambiente que seus antepassados não tiveram. Estimula-se atividades produtivas que não agridem a natureza. As famílias são beneficiadas com a construção de

cisternas ou poços. Cada casa também ganha banheiro com fossa seca.

Em Pernambuco, situação é grave em 98 municípios

Essas medidas são o primeiro passo para resolver uma situação dramática: ficam no agreste ou no sertão 88% dos 98.937 quilômetros quadrados de território de Pernambuco. Dos 148 municípios em áreas consideradas de susceptibilidade, 98 já apresentam níveis preocupantes de degradação.

— O custo do projeto é relativamente baixo, apenas R\$ 4 mil por família até o final da implantação. A partir daí, elas terão atividades econômicas que lhe permitam sobreviver com dignidade sem precisar

destruir a caatinga — afirma Alexandrina Sobreira, secretária-adjunta de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente.

Para Heitor Matallo, um dos maiores especialistas em desertificação no país e membro do Instituto Desert, a intervenção de Pernambuco vem sendo encarada como exemplo no Brasil e no exterior:

— O Brasil tem uma política de combate à desertificação que não vem sendo implementada. Pernambuco é o único estado que tem um trabalho sistemático para solucionar o problema. O modelo é uma experiência única de descentralização. Mas de nada adiantaria lutar contra a desertificação sem alternativa de sobrevivência para o sertanejo. ■

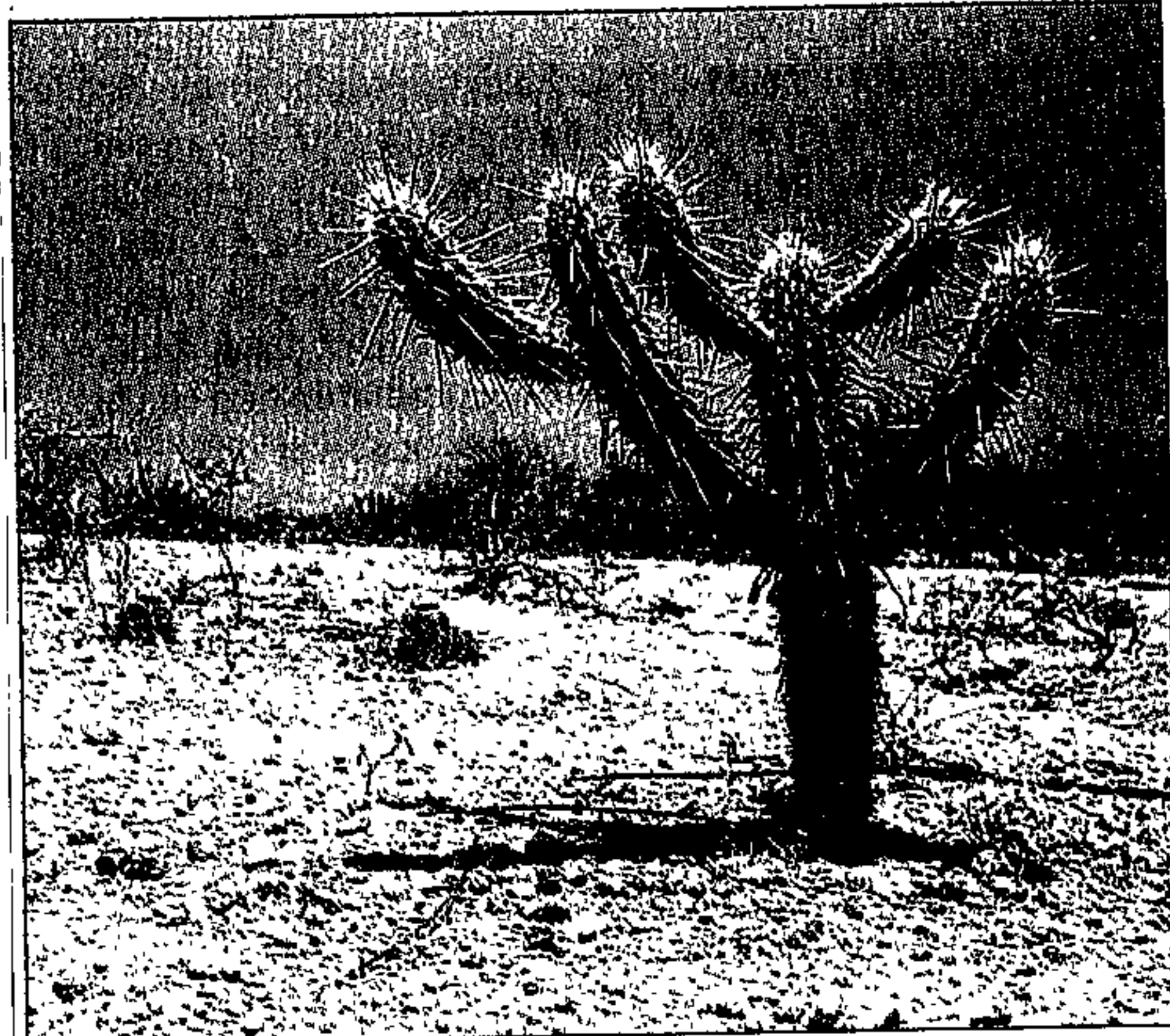


IMAGEM DO DESERTO em pleno Nordeste: projeto terá apoio da ONU

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	Objetivo (O País)
Data	14/10/2001 Pg 8
Class.	

Programa leva vida nova para Solidão

Cidade com índice de desenvolvimento menor do que o do Haiti é beneficiada

• SOLIDÃO, PE. Enquanto o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) brasileiro é de 0,750, o de Solidão, pequeno município encravado entre rochas e vegetação escassa, não passa de 0,380. Um indicador pior do que o do Haiti (0,467) e um pouquinho melhor do que o pior dos piores, Serra Leoa (0,258). Pelas ruas, um cenário de desolação: casas fechadas ou abandonadas e famílias vivendo com um quinto do salário-mínimo.

Mas a política de combate à desertificação já promove mudanças. Antes do projeto de capacitação, Evandro Eloi de Almeida, de 22 anos, casado e pai de um filho de 2, morador do distrito Barra 1, não chegava a tirar R\$ 40 por mês. Hoje cria galinhas de linhagem francesa, ca-

bras e diz que não passa fome. Aves e ovos são vendidos. As cabras, se ainda não viraram negócio, já garantem o leite do filho:

— Ainda não estou fazendo um salário-mínimo por mês, mas vou chegar lá. Mesmo no período seco tenho do que viver. O melhor é que a gente consegue preservar a natureza.

Para o presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Solidão, Pedro Isidoro da Silva, o projeto é a única chance de salvar as famílias sertanejas.

— Hoje isso é um deserto, mas no tempo dos meus avós, era mata. Se o homem tem como sobreviver, é mais fácil conter a desertificação. Agora, fazem menos queimadas. Sabem que se continuar, vão matar a terra toda. ■



EVANDRO: "O MELHOR é que a gente consegue preservar a natureza"



ISAURO OLIVEIRA: "Aqui não tem água, não tem mais frutas e quase só se come uma vez na vida"

A fome que causa destruição

Árvores viram carvão e terra é queimada para o plantio

• SOLIDÃO, PE. Embora tenha várias origens, a ação do homem é apontada por especialistas como a maior causa do processo de desertificação. Constatar isso não é difícil: como se não bastassem os gigantescos projetos de irrigação, a lavoura mecanizada e inadequada, o uso abusivo de defensivos agrícolas e a destruição de matas, o sertão enfrenta a pressão da fome. Não é difícil constatar a.

— Eu só não morro de fome porque tenho minha aposentadoria. Mas se não fosse isso a vida seria ruim. Aqui não tem água, não tem mais frutas e quase só se come uma vez na vida. Antigamente tinha muito bicho para comer. Hoje, a gente quase não vê mais rolinha, lambu, mocó, juriti. Tatu, a gente caçava só com a mão para comer assado. Acabou tudo. Com a seca, o povo comeu o que sobrou — diz Isauro Alves de Oliveira, de 62 anos, que reside no Sítio Macambira, em Solidão.

Aos sete netos, Isauro costuma contar histórias sobre a fartura de antigamente. Mas eles não acreditam. O lavrador diz que árvores como cedro, aroeira, baraúna, angico e jurema preta praticamente sumiram das matas da caatinga.

Na Rodovia PE-275, no município de Serfânia, Roberto Carlos da Silva, de 18 anos, empurra uma carroça carregada de lenha extraída da caatinga. Uma tarefa nada nobre para alguém batizado com nome de rei. Mas que garante a sobrevivência da família. O rapaz, que tem 12 irmãos, conta que o pai plan-

tou milho e feijão. Nada colheu. Por causa disso, a cada 15 dias, Roberto Carlos se embrenha pelas matas, para cortar lenha e fazer carvão, o que lhe garante o sustento, mas destrói a caatinga.

— Corto juazeiros, juremas e catingueiras. Só não corto angico, porque as folhas espalhadas pelo chão envenenam o gado. Com isso, faço carvão — afirma Roberto Carlos, acrescentando que o carvão vendido em sacos rende à família cerca de R\$ 224 por quinzena.

Isauro e Roberto Carlos ainda não foram beneficiados pela Política Estadual de Combate à Desertificação do governo de Pernambuco. Por isso, sobrevivem de práticas seculares — como a retirada de lenha e a queimada da terra para preparar o plantio — que ajudam a desertificar o sertão. Com a política de combate ao problema, a caatinga começa a sofrer menos agressões.

Exemplos não faltam. No sertão central, em municípios como Parnamirim, os lavradores beneficiados pelo programa já sobrevivem da produção do mel e não permitem que as árvores sejam destruídas. Preservam a vegetação para garantir a sobrevivência das abelhas, porque, sem flores, elas não produzem.

— Trabalhamos promovendo intervenções voltadas para a questão da qualidade de vida, com perspectiva de sobrevivência para o sertanejo — afirma Alexandrina Sobreira, secretária-adjunta de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente.